

O RIO, JOÃO CABRAL DE MELO NETO -
DE SUJEITO TURISTA A SUJEITO
OBSERVADOR-RELATOR.

Fabiane Renata BORSATO*

Entendemos por narrativa todas as obras literárias marcadas por duas características: a presença de uma estória e de um contador de estórias... Deixe-se que o locutor comece a contar um caso,... e passaremos à narrativa. (Scholes, 1977, p.1-2)

O poema *O Rio*, de João Cabral de Melo Neto, inicia com um narrador emotivo rio Capibaribe, relator de motivações pessoais de viagem e de lembranças de infância. No decorrer do poema, ele vai se desligando do “cu” para tornar-se épico¹ e narrar a história de vida dos retirantes e da terra nordestina.

O título pode oferecer subsídios para esta afirmação. *O Rio ou relação de viagem que faz o Capibaribe de sua nascente à cidade do Recife* (1953) está primeiramente centrado no “eu” - O Rio para então abrir-se em vários focos (Recife, Mata, o retirante, o trem, os rios), a fim de relatar a viagem realizada do sul da Paraíba ao mar de Recife. Essas características são próprias do poema épico.

* Aluna do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara – SP.

¹ Estamos chamando de épico o narrador profundamente interessado no humano, desejoso da perpetuação dos feitos heróicos de um povo. No poema *O Rio*, é possível vislumbrar o “épico às avessas”, pois os feitos heróicos dos emigrantes nordestinos não sugerem glória, mas resistência.

“Quiero que compongamos io e tú una prosa. (Berceo)”, epígrafe do poema, envolve narrador (io), ouvinte (tú) e história para contar (prosa).

A análise do poema partirá desses pressupostos, apoiar-se-á nos ensinamentos semióticos greimasianos e na teoria poética de Roman Jakobson, a fim de abarcar o significado e o significante do texto. Para tratar da oralidade presente no poema, utilizaremos o ensaio de Walter Benjamin, intitulado *O narrador*, bem como a obra *A natureza da narrativa*, de Robert Scholes e Robert Kellogg, no que diz respeito à história da narrativa oral.

DESENVOLVIMENTO

No poema *O Rio*, o sujeito² rio Capibaribe é manipulado pela sua condição natural de rio para dever caminhar rumo ao mar: “Para os bichos e rios / nascer já é caminhar”(Melo Neto, 1986, p.273). Portanto, o sujeito deve e quer cumprir sua sina. A descida até o mar é espontânea: desaguar nas águas marítimas ou no lago é elemento da constituição de qualquer rio:

Eu não sei o que os rios
têm de homem do mar;
sei que se sente o mesmo
e exigente chamar. (p. 273)

No poema, o sujeito rio é apresentado como um viajor, segundo Benjamin, “alguém que vem de longe”(Benjamin, 1985, p.198), acumulando experiências para contá-las em forma de narrativas orais. Essa característica é inerente ao sujeito rio e indispensável ao “contador de histórias”. Ao rio, é preciso seguir o “destino”, mas a realização da viagem ocorre de maneira turística. O sujeito escolhe o melhor caminho, visita os locais desejados, tudo de maneira aparentemente descompromissada:

como aceitara ir
no meu destino de mar,
preferi essa estrada (Melo Neto, 1986, p.274)

Deixando para trás
as fazendas que vão ficando.

² A semiótica greimasiana estabelece que a relação de transitividade entre sujeito e objeto oferece existência aos actantes. Portanto, quando falamos em sujeito, nos referimos ao sujeito semiótico rio.

Vendo-as, enquanto vou,
parece que estão desfilando. (Melo Neto, 1986, p.275)

O objeto de valor desejado, em princípio, é o cumprimento da sina de um rio - chegar ao mar. O "exigente chamar" (Melo Neto, 1986, p.273), algo proveniente da tradição do rio, reforça o dever-querer do sujeito.

A transmissão de experiências de boca em boca, causa principal da sobrevivência da narrativa oral, está sempre presente no poema:

... só sei por ouvir contar (Melo Neto, 1986, p.273)
preferi essa estrada
para lá chegar
que dizem da ribeira
e à costa vai dar, (Melo Neto, 1986, p.274)

Os versos a seguir reforçam a presença do aspecto oral:

Vi homens de bagaço
enquanto por ali discorria;
vi homens de bagaço
que morte úmida embebia. (Melo Neto, 1986, p.289)

A presença do verbo discorrer, cujo significado é *espalhar-se, derramar-se, correr para diversos lados, falar, discursar*, funciona aqui como um precioso conector de isotopias, ponto de relevada importância para demonstrar a preocupação com a oralidade. Numa linguagem líquida, espaiada, voz de rio concretizada em poema, a ação da experiência produz a narrativa. Através dessa oralidade, o narrador parece desenhar a cartografia da região percorrida. Descreve com minúcia os traços físicos da paisagem e da gente encontrada pelo caminho, expõe a terra e o que nela se cultiva. A seca, os engenhos transformados em usinas, tudo é apreendido pelo olhar plano e rasteiro do relator rio, narrador-turista capaz de resgatar em imagens tudo o que se passa. Narrador que também apela para a memória a fim de fortalecer o narrar:

Desde tudo que lembro
lembro-me bem de que baixava
entre terras de sede (Melo Neto, 1986, p.273)

Por trás do que lembro,
ouvi de uma terra desertada, (Melo Neto, 1986, p.274)

A presença constante de substantivos concretos (**paisagem, pedra, gente**), de adjetivos visuais (**negros**), dos verbos **ver, olhar, examinar, assistir** afirma a composição do poema por imagens flagradas pelo olhar atento do fotógrafo-observador rio. O rio flui entre a concretude dos lugares, evidenciando, em versos curtos (seis e sete sílabas), o espaço percorrido. O narrador dá aos versos a forma de *flashes*, imagens que passam rapidamente frente ao leitor, como se o local estivesse sendo enumerado por um topógrafo.

Vendo-as enquanto vou, (Melo Neto, 1986, p.275)

Vou na mesma **paisagem**
reduzida à sua **pedra**. (Melo Neto, 1986, p. 279)

e a Serra do Urubu
onde desses **símbolos negros**. (Melo Neto, 1986, p. 280)

pois eu queria a Usina
mais de perto **examinar** (Melo Neto, 1986, p. 286)

Por esta grande **usina**
olhando com cuidado eu vou, (Melo Neto, 1986, p. 289)
Numa usina **se assiste**
à vitória **maior e pior**,
que é a da **pedra dura**
furada pelo suor. (Melo Neto, 1986, p. 289)

Vemos um narrador preocupado com a composição de seu relato, pincelando a tela desde a Lagoa da Estaca até os dois mares (um mar ancho à espera do rio e o lamaçal à espera do retirante), apresentando ao leitor experiências, denúncias e, principalmente, imagens degeneradas antitéticas à construção da relação do viajor. A viagem turística do rio apresenta adjetivos atribuídos à cartografia relatada (do mar, de sede, de palha, sem fundo, de pedras, de areia, desertada, vazia, seca, calcinada, de cabra, de cinza, de mar, decadentes, pequena, ancho, curta, dura, maior, de ferro, de várzea, de sola, pior), sendo significativo o número de **locuções** adjetivas formadas de preposição mais substantivo. Isso vem confirmar a alegação de um poema composto de imagens, onde o referencial concreto, no caso o substantivo, impera.

O objetivismo descritivo é rompido quando do encontro com a gente retirante e a Usina. A adjetivação torna-se mais humanizada, sentimental: **calado, só, morta, abraço líquido e amigo, tristes, guenzo, vivas, indecisa, imprecisa**.

A partir destas considerações, é possível pensar em dois momentos do poema. No primeiro, o tempo verbal mais freqüente é o pretérito perfeito. Trata-se da narração de memórias da infância, momento centrado no “eu” do narrador-sujeito rio. A partir dos versos,

Para o mar vou descendo
por essa estrada da ribeira.
A terra vou deixando
de minha infância primeira. (Melo Neto, 1986, p.275)

a narração atinge o tempo presente, oferecendo ao leitor a possibilidade de acompanhar a viagem do narrador no momento em que ela ocorre. Isso reforça a oralidade, colocando o leitor na platéia, ouvinte da história contada ao escrivão de Tapacurá. O escritor, redator da narração de maneira fidedigna, respeita os traços característicos da oralidade, ou seja, frouxidão, relaxamento, dissonância rítmica:

Então, o Tapacurá,
dos lados da Luz, freguesia
da gente do escrivão
que foi escrevendo o que eu dizia. (Melo Neto, 1986, p.284)

Nestes versos, há a confirmação da narrativa oral, texto ditado a um escriba, maneira como as epopéias orais (Beowulf, Chanson de Roland) foram conservadas até nossos dias.

A presença, na narrativa, de dois momentos reforça a afirmação de Benjamim de que “no sistema corporativo associava-se o saber das terras distantes, trazidos para casa pelos migrantes, com o saber do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário”. (Benjamin, 1985, p.199). O relator rio apresenta distância espacial, pois viaja entre coisas, e distância temporal, baseada em relatos de outrem, em fatos históricos - “Foram terras de engenho, / agora são terras de usina.” (Melo Neto, 1986, p.283). A busca, pelo narrador rio, da essência do texto oral está expressa nos versos:

Sou viajante calado,
para ouvir histórias bom,
a quem podeis falar
sem que eu tente me interpor;
junto de quem podeis
pensar alto, falar só.
Sempre em qualquer viagem
o rio é o companheiro melhor. (Melo Neto, 1986, p.278)

Isso favorece a interferência de outros narradores.
Parece que ouço agora
que vou deixando o Agreste:
"Rio Capibaribe,
que mau caminho escolheste.
Vens de terra de sola,
curtidas de tanta sede,
vais para terra pior,
que apodrece sob o verde.
Se aqui tudo secou
até seu osso de pedra,
se a terra é dura, o homem
tem pedra para defender-se.
Na Mata, a febre, a fome
até os ossos amolecem".
Penso: o rumo do mar
sempre é o melhor para quem desce. (Melo Neto, 1986, p.282)

Nos versos acima há uma advertência deste narrador "intruso" sobre as condições da Mata. Entretanto, o narrador-turista não crê nesse relato, embora o registre entre aspas (valorizando a oralidade), colocando-o sob os cuidados do escrivão de Tapacurá. Assim, ele incorpora outros relatos ao seu - "É o que contam os rios/ que vou encontrando por aqui." (Melo Neto, 1986, p.283), enriquecendo a narrativa da qualidade de veridicção. Até então, houve no poema a exposição de características indispensáveis à oralidade. Entretanto, a partir dos versos seguintes, há o prenúncio do fim da narrativa oral. O narrador demonstra a diferença existente entre os rios que trabalham para as usinas e que sempre têm experiências para contar e os rios que o estão acompanhando desde a nascente, geralmente mudos. Benjamin poderia justificar tal fato através de seu relato sobre as experiências desmoralizantes que bloqueiam qualquer tentativa de troca de experiências. Porém, ao narrador-turista rio menino a distinção encontrada entre os rios parece não decifrada:

É o que contam os rios
que vou encontrando por aqui.
Rios bem diferentes
daqueles que já viajam comigo.
A estes também abraço
com abraço líquido e amigo.
Os primeiros porém
nenhuma palavra respondiam.

Debaixo do silêncio
eu não sei o que traziam. (Melo Neto, 1986, p.283)

Os dois tempos da narrativa acima abordados colocam o leitor frente a um sujeito em situação eufórica (possibilidade de ser sujeito para realizar o percurso) rumo à disfórica. No primeiro momento, a viagem do sujeito rio é marcada pelas lembranças da infância, por nomes que identificam com precisão os locais de onde vem, por medos e brincadeiras de menino, pela aridez característica do local, apresentando visão turística do Recife contado em Guias:

Rio menino, eu temia
aquela grande sede de palha, (Melo Neto, 1986, p.273)

Leito de pedra abaixo
rio menino eu saltava. (Melo Neto, 1986, p.273)

Eu já nasci descendo
a serra que se diz do Jacará,
entre caraibeiras
de que só sei por ouvir contar
(pois, também como gente,
não consigo me lembrar
dessas primeiras léguas
de meu caminhar). (Melo Neto, 1986, p.273)

No decorrer da aquisição de experiências, a cidade anfíbia, sob o Recife pitoresco, se revela: "...cidade anfíbia / que existe por debaixo/ do Recife contado em Guias." (Melo Neto, 1986, p. 297). Nesse segundo momento, existe o contato com as privações dos retirantes e com o crescimento devorador das usinas. A degeneração de imagens, numa condição irreversível de sub-vida coloca o sujeito em situação disfórica. Nesse movimento que o sujeito rio faz para fora de si, surge a necessidade de contar, mesmo que de maneira rude, as experiências vivenciadas. Isso demonstra a motivação do relato, ou seja, oferecer à gente marcada pela falta a presentificação poética.

A viagem turística do rio se rompe quando do encontro com a usina e o lamaçal. A visão cosmológica própria do narrador-turista se transmuda, paulatinamente, em visão noológica, própria do narrador produtor em que o rio se transforma. O sujeito assume outras sensações - a dor, o sofrer, a instabilidade, a compaixão, a podridão. O retrato cartográfico da região

desfigura-se no contato com os retirantes e com a exploração desmedida da usina. O sujeito abandona sua condição de turista para tornar-se observador cúmplice da condição de vida do retirante nordestino. O foco narrativo desvia-se do “eu” para chegar ao “ele”, ao outro. A personagem rio torna-se amante da vila de lama, local onde os emigrantes “vivem no nível da lama e do pântano” (Melo Neto, 1986, p. 301). Outro é agora o objeto de valor do sujeito: o compromisso de narrar, mesmo em grosso tear, a triste e comovente história de homens excluídos pela sociedade. O contato com a usina, até então conhecida pelo relato de outrem, desperta no narrador a visão de uma das causas da morte dos engenhos e da emigração nordestina:

De usina eu conhecia
o que os rios tinham contado.
Assim, quando da Usina
eu me estava aproximando,
tomei caminho outro...
pois eu queria a Usina
mais de perto examinar. (Melo Neto, 1986, p.286)

O narrador, neste momento, parece transpôr a observação e a memória para atingir o conhecimento, a compaixão, a necessidade de contar sobre homens e fatos, pois “numa usina se assiste /à vitória, de dor maior, /do brando sobre o duro” (Melo Neto, 1986, p. 289). No poema *O Rio*, rio e homem encontram-se, misturam-se, mas, ao final do trajeto, há dois mares totalmente diversos à espera deles, um mar vasto e ancho para o rio; um mar de lama para o retirante. A certeza do encontro de destinos desiguais oferece ao rio o desejo de prolongar o trajeto e, portanto, a narrativa, convivendo um pouco mais com a gente que emigra e com a composição oral:

Por entre esta cidade
ainda mais lenta é minha pisada;
retardo enquanto posso
os últimos dias da jornada.
Não há talhas que ver,
muito menos o que tombar:
há apenas esta gente
e minha simpatia calada. (Melo Neto, 1986, p.302)

Nos “caminhos comuns do mar” (Melo Neto, 1986, p. 302), o rio está consciente de sua desfiguração (fim do narrador oral), da perda de suas características de rio, devido à mistura de suas águas às do mar. Portanto, há a necessidade de oferecer algo aos companheiros de viagem, trabalhando o

relato numa linguagem que dê forma ao conteúdo. Nesse momento, surgem os únicos versos interrogativos do poema:

Ao partir companhia
desta gente dos alagados
que lhe posso deixar,
que conselho, que recado? (Melo Neto, 1986, p.302)

O incômodo da visualização de cenas inimagináveis, decompostas, degeneradas e marcantes poluem o ver do rio. O relato passa a ser o registro de imagens que não devem ser esquecidas como o homem nordestino o foi. A relação tecida em grosso tear simboliza a composição do poema e o relacionamento entre rio e homem, fortalecido pela morte, pelo sofrer, pelo “comum retirar” (Melo Neto, 1986, p. 302). Esse relato tem contar rudimentar e repleto de vazios, resultado de imagens vistas por um observador e degeneradas pela miséria dos locais:

Depois de Pirauíra,
é um só arruado seguido, partido em muitos nomes
mas todo ele pobre e sem vida
(que só há esta resposta
à ladainha dos nomes dessas vilas). (Melo Neto, 1986, p. 279)

O grotesco do lugar e o desajuste social foram tratados pelo narrador através do sincretismo de três “dicções” que contribuem para o rompimento da linearidade da narrativa. A dicção frouxa é marcada pela repetição de versos e palavras e pelo ritmo de prosa. A dicção líquida é capaz de fluir entre coisas, conviver, abarcar tudo o que vê. A dicção monótona é caracterizada pela repetitividade, semelhante às imagens vistas pelo narrador e por ele somadas em versos idênticos, imagens marcadas pela destruição, aridez, morte e extinção, pela soma de fatos e homens que têm como produto a miséria, o nada, o pétreo.

numa usina se assiste
à vitória maior e pior,
que é a da pedra dura
furada pelo suor. (Melo Neto, 1986, p.289)

Vi homens de bagaço
enquanto por ali discorria; (Melo Neto, 1986, p.289)

Tudo planta de cana
nos dois lados do caminho;
e mais plantas de cana

nos dois lados dos caminhos
por onde os rios descem
que vou encontrando neste caminho;
e outras plantas de cana
há nas ribanceiras dos outros rios
que estes encontraram
antes de se encontrarem comigo.
Tudo planta de cana
e assim até o infinito; (Melo Neto, 1986, p.285)

A circularidade sugerida pelos versos extrapola as imagens figurativas e contamina a organização temática, significando a absoluta ausência de saída e de possibilidades.

Somente a relação
de nosso comum retirar;
só esta relação
tecida em grosso tear. (Melo Neto, 1986, p.302)

O recado deixado pelo poeta constrói, por retroleitura, a transformação do narrador/leitor agora “sábios de muito viajar” (Melo Neto, 1986, p.302).

CONCLUSÃO

O uso de uma personagem-narradora inumana, no caso, o rio, e a necessidade de contar e registrar o relato denotam certa preocupação com a perenidade poética. A transitoriedade das águas do Capibaribe correspondê a ciclicidade e a eternidade da poesia. Nota-se o retorno poético sobre si, escolhendo como forma do poema o tear, instrumento de caráter circular usado para tratar de um contexto social também propagado em círculos, a subvida do emigrante nordestino.

A oralidade está fundamentada no ir e vir do relato. É possível vislumbrar a oscilação entre a narrativa de caráter oral e a perda desse tipo de narrativa. O poema apresenta o tédio, a experiência, o apelo à memória, o dom de ouvir, o recontar, o ofício manual de fiar (tecer), características próprias das histórias orais:

Outra vez ouço o trem
ao me aproximar de Carpina.
Vai passar na cidade,

vai pela chã, lá por cima.
Detém-se raramente,
pois que sempre está fugindo,
esquivando apressado
as coisas de seu caminho.
Diversa da dos trens
é a viagem que fazem os rios:
convivem com as coisas
entre as quais vão fluindo;
demoram nos remansos
para descansar e dormir;
convivem com a gente
sem se apressar em fugir. (Melo Neto, 1986, p.282)

Nos versos acima ainda é possível vislumbrar a abordagem do progresso industrial e da conseqüente aceleração imposta ao homem moderno. Esse progresso surge como substituto da produção artesanal capaz de favorecer a transmissão e a troca de experiências orais. João Cabral, à maneira de Benjamin, abordou a questão da oralidade e do fim desse tipo de contar devido à relação de trabalho capitalista.

Ao narrador rio é possível compôr o poema através da somatória de imagens apreendidas, da adição de experiências. A visão de imagens degeneradas provoca a necessidade de construir o relato poético, abordando questão fundamental na poética de Cabral, ou seja, a desconstrução/construção. O relato do sujeito rio procura atingir o próprio povo do nordeste, representado pelo escrivão de Tapacurá. Simultaneamente, vemos, através de construções poéticas únicas, esse processo de comunicação ampliar-se para divulgar a miséria decorrente do sistema social.

Referências bibliográficas

- BENJAMIN, W. O narrador. In: *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985. v. 1.
- MELO NETO, J. C. *Poesias completas: 1940-1965*, Rio de Janeiro: J. Olympio, 1986.
- SCHOLES, R., KELLOGG, R. *A natureza da narrativa*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1977.

Bibliografia consultada

GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Petrópolis: Vozes, 1975.

JAKOBSON, R. *Poética em Ação*. São Paulo: Perspectiva, 1990.